

Recensões

O artifício de fornecer ao leitor informações de natureza filológica e citações latinas em nota de rodapé consegue criar a ilusão de que se trata de uma genuína tradução de um documento latino antigo. Veja-se, a título de exemplo, a nota 33, na página 33, em que Gaarder cita um celeberrimo passo de Terêncio⁴ (*Homo sum; nihil humanum a me alienum puto*) e apresenta a sua correcta tradução (“Sou humano e considero que nada do que é humano me é alheio”). Embora conscientes de que prover o leitor de informação filológica rigorosa não seria o objectivo primeiro do autor, aprazer-nos-ia ver enriquecida esta nota, com a referência à fonte da citação: *Heautontimoroumenos*, 77 (cf. notas 15, 16, 45, etc.). Já na página 20, incorpora no discurso de Flória a tradução de uma citação de Cícero (“Ó tempos! Ó costumes!”), apresenta em nota de rodapé (nota 7) a expressão latina original (*O tempora, o mores!*), identifica o seu autor, Cícero, e refere que o orador utilizou “esta expressão várias vezes nos seus discursos” (cf. notas 12, 18, 29, 30, 37, 61, 104, 121, entre outras).

A Vida é Breve é uma história de sentimentos humanos, de traição, de fé e de desespero, é a história de uma mulher que jamais aceitou a perda do seu amante e de um homem que jamais a esqueceu. Mas é também um documento arrebatador que proporciona ao leitor um conhecimento mais ou menos profundo da vida e da filosofia de Santo Agostinho. Recomendaríamos este livro a qualquer leitor interessado, conhecedor ou não da cultura clássica e/ou das *Confissões* de Santo Agostinho. Tal como o próprio Gaarder, ficaríamos bastante satisfeitos se *A Vida é Breve* «viesse a despertar o interesse pela língua latina e pela cultura clássica em geral»⁵. Certos de que conseguirá estimular e envolver os seus leitores neste processo, resta-nos, pois, esperar que o escritor consiga dar cumprimento aos seus desejos.

EMÍLIA M. ROCHA DE OLIVEIRA

José Leon Machado, *O Guerreiro Decapitado*, Porto, Campo das Letras, Colecção Campo de Estreia, vol. 14, 1999.

Apesar de contar apenas 33 anos, José Leon Machado apresenta já uma obra considerável, que inclui poesia, contos, romances, crónicas, teatro, literatura de natureza autobiográfica e ensaios. Colabora ainda em várias revistas e jornais, com artigos e crónicas de crítica literária, e coordena uma considerável base de dados de literatura portuguesa, o *Projecto Vercial*

⁴ Note-se que o nome deste autor apresenta uma gralha: dever-se-á substituir *Tenêncio* por *Terêncio*.

⁵ Cf. p. 14.

Recensões

(<http://www.ipn.pt/literatura/>), bem como a revista electrónica *Letras & Letras* (<http://www.ipn.pt/literatura/letras/>).

O Guerreiro Decapitado é o título do seu último romance, publicado em Março de 1999. Este livro evoca um período crucial da história portuguesa: o século I da nossa era, durante o qual a Península Ibérica, em particular a cidade de Brácaro Augusta, foi palco de encontros e desencontros entre Romanos e Brácaros.

Logo no livro I, o narrador recorda ao leitor as atrocidades cometidas e as escaramuças sucessivas entre os resistentes habitantes da zona de Brácaro e os invasores Romanos (cf. pp.9-10).

Apesar de tais humilhações sofridas, os chefes das diferentes tribos autóctones acabariam por aceitar a paz, temendo pela segurança e vida do seu povo. Romanos e Brácaros *viviam de costas voltadas* (cf. p.10). Os primeiros não interferiam substancialmente no *modus vivendi* dos povos subjugados e, em contrapartida, os Brácaros iam-se habituando à sua presença, embora sempre ciosos dos seus costumes, da sua língua, das suas festividades e dos seus deuses.

Esta pacífica convivência não impedia, todavia, que continuassem a existir insegurança e desconfiança mútuas. Os Brácaros, em especial as gerações mais velhas, fielmente representadas pela figura de Pentóvio, não aceitavam os hábitos romanos, renegavam a língua e o culto religioso dos invasores e escarneciam até da forma de trajar romana (p.11).

No entanto, paulatinamente, os contornos desta mentalidade tribal iam-se esbatendo cada vez mais. É que a civilização romana começara, entretanto, a exercer um forte e progressivo poder de sedução sobre os mais jovens (p. 10).

O jovem Bórnio, para profundo desgosto de Pentóvio, seu pai, é, pois, a personagem que melhor figura o fascínio pelas formas, cores e cheiros *da civilização que viera submeter os seus pais e avós* (cf. p.14).

Erbuto, um Brácaro que, na perspectiva de Pentóvio, traíra as suas origens ao abandonar o castro para ir trabalhar numa *uilla* romana, tenta convencer o pai a permitir a partida de Bórnio para a cidade (p. 18).

Pentóvio, ainda assim, em nome da defesa de uma identidade cultural, não aceita que o seu único filho tenha o mesmo destino do renegado Erbuto, que quer agora *desencaminhar os da sua raça* (cf. p.22). Tal, porém, não o impede de reconhecer com amargura que de nada vale remar contra a corrente (p. 19).

Erbuto consegue, sem grande esforço, aliciar o jovem pastor. Pentóvio, por sua vez, ainda que contrariado, acaba por dar a sua benção ao jovem Bórnio, mas não sem antes conversar com a sensata e compreensiva esposa, Âmia, numa tentativa derradeira de demover o filho de partir. No entanto, pedra angular da família, esta mulher, revelando-se mais tolerante e

Recensões

permeável à presença romana do que o marido, defende antes de tudo os interesses dos filhos, mesmo que tal atitude a possa privar da companhia de Bórnio.

E Bórnio parte efectivamente para ir trabalhar na Vila Rufina, como servidor do abastado *dominus* romano, Lauro Énio Rufo, que nos tempos livres gostava de ler Cícero. Aí, tem a oportunidade de conviver com diferentes etnias, representadas pelos escravos que consigo lá trabalham, oriundos de diferentes partes do Império. Na *uilla*, a língua e as crenças nativas só se anulam quando se encontram na presença dos senhores romanos, condição indispensável à sua manutenção naquela casa.

Perante esta pluralidade de culturas, incluindo a romana, é natural que o protagonista se sinta perdido, pelo menos enquanto não se integra totalmente e não aprende a língua dos Romanos. Entretanto, vão-lhe valendo os conselhos e a ajuda do companheiro Erbutio.

Mas os preconceitos não existiam apenas entre os nativos. Lauro Énio Rufo não esconde a sua antipatia e desdém pelos Brácaros, que, como quaisquer bárbaros, *são demasiado estúpidos e selvagens* (p.33), ainda que permita a Bórnio usufruir da educação que o grego Plutino, único servidor não considerado bárbaro, ministrava aos filhos do *dominus*, Aurélio Rufino e Lívia Rufina.

Não obstante tais preconceitos, tal como Brácaros se deixavam seduzir por Romanos, também os jovens filhos de Lauro se deixaram encantar por nativos: Aurélio, por Oivesula, Lívia, por Bórnio. A paixão desta última é correspondida, embora contrariada pelo *paterfamilias*, que tudo faz para separar os dois jovens. O afastamento compulsivo de Bórnio terá, todavia, para os Romanos, um efeito perverso: a ascensão do Brácaro ao alto cargo de tribuno.

A sociedade romana regia-se, no entanto, por rígidos princípios e os seus elementos nunca aceitaram que um *reles Brácaro* fosse nomeado tribuno pelo imperador (p.112). Assim, perante o reencontro, ao fim de vinte anos, com a sua amada Lívia, o leitor depara-se com a questão formulada pelo próprio autor na contracapa do livro: *Poderia um Brácaro aprender latim, namorar a filha de um Romano e servir nas legiões do imperador sem esquecer a sua origem?*

Na sequência de novo desencontro com Lívia, sobre o qual não acrescentaremos pormenores para não privar o leitor de seguir por si mesmo esta história, Bórnio, depois de uma aprendizagem dolorosa do que é a realidade, acaba por reencontrar as suas origens brácaras. Trocando a túnica romana por umas bragas, volta a ser pastor, assume um amor antigo por uma rapariga do seu povo, Celsídia, e redescobre o culto dos antigos deuses nativos. Afinal, há muito que havia percebido que *o mundo, sendo diverso nas paisagens e nas cores, era igual no ódio dos homens* (p.107).

Recensões

Acerca da acção nada mais acrescentaremos. Limitar-nos-emos a felicitar o autor pelas descrições convincentes e verdadeiramente deliciosas de aspectos histórico-culturais do quotidiano de Brácaros e Romanos. Recordamos, por exemplo, a actividade pastorícia dos nativos (pág. 9), os hábitos de higiene e modo de trajar masculinos, romanos e brácaros (pág. 11), um casamento e respectivo banquete nativos (pp. 27-28), o dia-a-dia de uma família numa *uilla* romana (pp.31-33), a higiene e o modo de trajar das mulheres romanas por oposição às autóctones (pág. 36), o culto religioso romano, contrastante com o brácaro (pág. 38), o modo de vida dos escravos e as circunstâncias determinadoras de tal condição social (pp. 44-48), um banquete romano (Livro VI, pp. 59 sqq.), o quotidiano e o percurso de um legionário romano (pp.101-107), os banhos públicos (pp. 119-122), entre outros aspectos que mereceriam igual referência.

A cuidada selecção das personagens, a realista descrição dos seus hábitos e costumes, bem como a ponderada construção dos diferentes cenários que perpassam no romance aduzem veracidade à acção.

Factor indispensável a esta veracidade é também a escolha criteriosa do vocabulário. Ressalta, por exemplo, ao longo de toda a obra, a variedade de antropónimos que designam as personagens pertencentes ao universo brácaro (*Pentóvio, Âmia, Bórnio, Colena, Cércia, Pêntio, Amínia, Erbuto, Adaeso, Celsídia, Reburro, Médamo, Veroto*, etc.) e que se opõem aos nomes caracteristicamente romanos, a saber: *Lauro Énio Rufo, Valéria Lépidia Severina, Aurélio Rufino, Lívia Rufina, Lúcio Gaio Albino, Flávia Calpúrnia Saturnina, Cláudia Lucília*, entre outros. Alguns desses nomes chegam mesmo a ser humorísticos e até caricaturais, como o do prefeito *Túlio Vício Marcolino*, o do comerciante *Quinto Valério Latro* e o dos perigosos cães *Mário e Sila, que andavam sempre na bulha*, fazendo lembrar as lutas entre os dois políticos detentores dos mesmos nomes (cf. p.43). Pensamos que a grafia do nome *Túlio Vício Marcolino* merece, numa próxima edição, ser revista, já que, se nas páginas 39, 122 e 131 surge escrito desta forma, o mesmo não acontece nas páginas 61 sqq. e 109 (*Marculino*).

Os nomes das personagens, assim como os das divindades, por um lado, romanos, por outro, brácaros, concorrem para a definição da barreira cultural que separa ambos os povos. Aos deuses romanos *Júpiter Máximo, Marte, Vénus, Diana, Baco, Mercúrio, Minerva, Vesta, Penates e Génio Tutelar*, contrapõem-se os nativos *Eleana, Nábía, Bandua, Somastoreico, Rebruspo, Asúrnia, Brigus e Revelanganitaieco*. Importa referir que todos estes nomes se encontram devidamente identificados num léxico que o autor teve o cuidado de anexar ao romance propriamente dito.

A utilização de topónimos latinos, como *Portus Cale, Tagus ou Aquae Flaviae*, ou a transliteração directa de nomes latinos para português, como *Catavo*, para designar Cávado, *Dúrio*, em vez de Douro, *Límia* por Lima, ou

Brácaro Augusta, contribuem igualmente para a criação de toda uma ambiência que envolverá o leitor numa viagem ao passado.

Factor que convida à evasão no tempo é ainda a presença recorrente de palavras ou expressões latinas, devidamente registadas em itálico, como, *aquila, ave, dominus, domus, equites, forum, garum, mea culpa, mulsum, nihil, pater, paterfamilias, pax augusta, puer, tempus fugit*, etc., que, juntamente com outras que remetem para um determinado contexto, constituem parte integrante do já referido léxico. Este permite que um leitor menos familiarizado com o latim e com as culturas latina e indígena possa ver as suas dúvidas devidamente esclarecidas.

Julgamos, todavia, importante salientar o caso particular da grafia da palavra “vila”. Esta deveria apresentar-se em latim (*uilla*) ou em itálico (*vila*), a fim de evitar que um leitor menos preparado, num contacto menos profundo com o texto, lhe atribua, pelo menos em alguns contextos⁶, um significado distinto do pretendido pelo autor, apesar de este ter tido o cuidado de referenciar no léxico “vila frutuária”, “vila rústica” e “vila urbana”. Não esqueçamos, aliás, que o autor, para designar ‘casa’, utiliza, paralelamente, a palavra *domus*⁷.

É, provavelmente, o receio pela descodificação errada da palavra “caranguejo” a razão pela qual o autor chama, muito bem, a atenção do leitor sobre o significado específico que aquela adquire na obra: ao apresentá-la em itálico, remete-o imediatamente para o já referido léxico. Após a consulta deste, o mesmo acabará por verificar que a palavra adquire, afinal, um significado pouco usual: *caranguejo* corresponde à “entrada das casas indígenas; alpendre”.

Gostaríamos ainda de enaltecer a escolha da estruturação do romance não em capítulos, mas em livros, à boa maneira latina.

Feliz foi igualmente a escolha do título. *O Guerreiro Decapitado* é um título simbólico. Mais do que um emblema da povoação, *esta figura de um guerreiro em pedra a que as legiões romanas quebraram a cabeça* representa todos os Brácaros que viram violentados os seus direitos. *As manchas da corrosão* patentes neste *guerreiro sem rosto* indiciam o desgaste de um povo que, subjugado ao domínio romano, vai, a pouco e pouco, perdendo a sua liberdade, o direito à terra e, o que é pior ainda, a sua identidade cultural (cf. p. 20).

A abordagem conhecedora e cuidada deste tema, entrelaçando ficção com factos históricos, revela o amor de José Leon Machado pela sua terra

⁶ Cf., como exemplos, o penúltimo parágrafo da página 43 (vila) ou o segundo parágrafo da página 109 (vilas).

⁷ Cf., por exemplo, pp. 90, 93, 94, 113, 128.

Recensões

natal, ou não fosse, também ele, um brácaro. O autor é, portanto, merecedor do nosso aplauso.

EMÍLIA M. ROCHA DE OLIVEIRA

Colleen McCullough, *A Canção de Tróia*, Difel, Algés, 1999

Em Março de 1999, surgiu em Portugal um novo romance de Colleen McCullough, escritora australiana que, nos últimos anos, tem vindo a publicar alguns livros cuja temática se prende com a Antiguidade Clássica. Assim, depois de cinco volumes dedicados à figura de Júlio César⁸ e ao conturbado tempo em que se desenrolou a sua vida, surge agora uma obra inteiramente dedicada à guerra de Tróia e aos que nela tiveram um papel fundamental.

Apesar de concebida como romance, a obra em questão não deixa de surpreender o leitor por analisar, de forma aprofundada e quase completa, os diversos intervenientes na guerra e os episódios míticos que os envolvem. Ao longo de trinta e três capítulos, a acção aparece, assim, recheada de pequenas histórias, intrigas ou lendas relacionadas com as diversas personagens e que enriquecem a acção central, permitindo a qualquer leitor obter um conhecimento alargado sobre a guerra, as suas causas e conseqüências. A principal virtude deste método reside, em nosso entender, na visão de conjunto que o leitor obtém dos mitos e lendas gregas, em detrimento do tratamento isolado que normalmente os mesmos sofrem e que não permitem um olhar abrangente sobre a história e mitografia gregas.

A obra, por outro lado, não se limita a narrar os acontecimentos que rodearam a guerra propriamente dita, mas procura dar a conhecer também os antecedentes de personagens que contribuem decisivamente para o desenrolar da acção. Com este propósito, os primeiros capítulos versam sobre os motivos primordiais da inimizade entre gregos e troianos, os antecedentes do casamento de Tétis e Peleu, a educação ministrada a Ájax e Aquiles, o perfil psicológico de Helena, o casamento desta e a conduta de Páris em Tróia.

Cada um destes capítulos, assim como os restantes, apresenta uma curiosa e original característica: a voz narrativa (sempre na primeira pessoa, engenhosamente recordando a tradição oral, tão típica da literatura antiga), que pertence em todo o tempo a uma personagem envolvida na acção, vai mudando em cada um, o que permite ao leitor não só analisar a personalidade das personagens (que se revelam psicologicamente densas e profundamente conhecedoras da sua própria forma de actuar e do destino que as espera), como também aperceber-se da diferente perspectiva da guerra que cada uma

⁸ Colleen McCullough, *O Primeiro Homem de Roma*, 5 vol, (Algés 1996 ss)